

## **RELIGIÃO E INDIVIDUAÇÃO: UMA ABORDAGEM JUNGUIANA DO SIMBOLISMO RELIGIOSO.**

*LIMA, July Yukie Abe de (UEM)*

*PEDRON, Luana (UEM)*

*KANBARA, Mariana H. (UEM)*

*BERTHOLI JR., Nelson Roberto (UEM)*

*COSTA, Rodrigo César (UEM)*

*MELLO NETO, Gustavo Adolfo Ramos (DPI/UEM)*

*ANDRADE, Solange Ramos de (DHI/UEM)*

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar de que maneira os valores religiosos influenciam no processo de individuação, com referencial teórico junguiano, a partir de uma abordagem do simbolismo.

É importante ressaltar que o trabalho aqui apresentado constitui apenas o enfoque principal de uma pesquisa mais ampla, em que alguns conceitos da teoria junguiana foram explorados para um melhor entendimento do Processo de Individuação, assim como a compreensão do conceito de religião. Na pesquisa integral, o simbolismo foi abordado de forma enfática visto que é de suma importância para estabelecer uma correlação entre os conceitos junguianos de Processo de Individuação e Religião.

Desta forma, a abordagem do simbolismo religioso é essencial para a discussão bibliográfica proposta, cuja finalidade é analisar em que medida a religião influencia o processo de individuação.

## **RELIGIÃO E PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO**

Por fim – onde a comédia termina em tragédia – o senhor dos elementos, essa instância de todas as decisões, cultiva uma série de idéias e concepções que selam de modo indigno sua dignidade e transformam sua autonomia em simples quimera (Jung, 1988, p.19)

Sendo a religião um dos principais temas abordados na vasta literatura de Jung, assim como é um dos eixos principais do presente estudo, juntamente com o eixo processo de individuação, é necessário que o conceito de religião e religiosidade sejam bem compreendidos, e para isso é imprescindível o entendimento do simbolismo. Com a exploração deste tema no capítulo anterior \*, fica evidente que o símbolo é também

---

\* Este trabalho refere-se ao III Capítulo de “Religião e Individuação: uma abordagem junguiana do simbolismo religioso”, que contou com a participação e elaboração dos demais estudantes: Luana

fator *sine qua non* para que ocorra o processo de individuação.

Ficam, portanto, algumas questões quanto à inter-relação destes dois temas centrais, entre as quais a questão principal seria: Em que medida a religião interfere no processo de individuação? Para respondê-la tomaremos como base as obras de Jung, sendo elas *Psicologia e Religião* (1999), *Psicologia e Religião Oriental* (1991), *O Segredo da Flor de Ouro* (1984), *Presente e Futuro* (1988); assim como as de autores junguianos, tais como Edinger (*Ego e Arquétipo*, 1972) e Jacobi (*Complexo Arquétipo Símbolo*, 1952); e Eliade (*Imagens e Símbolos*, 1991), que não se intitula junguiano, mas se utiliza de tal teoria.

Partindo-se da afirmação de Jung (1991) a respeito da “importação” de ritos da Filosofia Oriental para o Ocidente:

Este [hindu] não somente conhece a sua *natureza*, como também sabe até onde ele próprio é essa natureza [...] o europeu [ocidental] precisa retornar, não à natureza, à maneira de Rousseau, mas à *sua natureza*. Sua missão consiste em redescobrir o *homem natural*. Em vez disso, porém, o que ele prefere são sistemas e métodos com os quais possa reprimir o homem natural que atravessa seu caminho, onde quer que esteja. [...] O europeu, porém, aprende de cor e imita conceitos e, por isto, não está em condições de exprimir sua realidade subjetiva através do conceito hindu. (p.56-58)

Realizaremos uma breve discussão sobre o ocidente e o cientificismo, para que, mais adiante, fique bem delineado o quadro da religião ocidental, a qual nos ateremos, e que se influencia pelo processo histórico e social do momento.

## CIENTIFICIDADE E PENSAMENTO OCIDENTAL

Um dos principais fatores da massificação é o racionalismo científico. Este deita por terra os fundamentos e a dignidade da vida individual ao retirar do homem a sua individualidade, transformando-o em unidade social e num número abstrato da estatística de uma organização (Jung, 1988, p. 07)

Com a queda do Império Romano do Oriente e o período do Renascimento, no século VI, houve um crescente interesse pela Antiguidade Clássica e a filosofia grega,

considerada pagã, que influenciou o Ocidente (acesso à cultura e língua gregas). Com isso houve o grande Cisma da Igreja Romana: de um lado os Protestantes, que rapidamente ganharam força na Europa, e que protestavam contra a *autoridade* da Igreja, cabendo esta autoridade ao homem; e de outro lado o Cristianismo, que demorou a renovar-se uma vez que a fé de sua Igreja foi abalada. Assim, dá-se início à rigorosa separação entre religião e ciência (Jung, 1991, p.52 e 53).

A religião proporcionava o sentimento de segurança frente ao desconhecido e incontrolável inerente à vida, seja a partir da explicação metafísica do mundo, ou a partir da autoridade da Igreja. Com o protestantismo, surge da necessidade do homem de garantir este sentimento de segurança, afirmando seu próprio poder, tentando entender e controlar o desconhecido, a partir de verdades científicas.

Partindo do pressuposto da causalidade e linearidade dos fenômenos, o homem, por meio de sua experiência e observação destes, generaliza a ampla variedade de fatos, que inegavelmente são incontroláveis, para se chegar às verdades universais. Como afirma Jung (1988):

Toda teoria que se baseia na experiência é, necessariamente, estatística; ela estipula uma média ideal, que elimina todas as exceções, em cada extremidade da escala, em cima e embaixo, substituindo-as por um valor médio abstrato. (p.04)

O homem ocidental, portanto, tem a necessidade da busca do conhecimento, racional e científico para explicar o que antes era próprio da metafísica, ao mesmo tempo em que necessita do respaldo da ciência para expressar sua individualidade, uma vez que só a realidade científica (material e concreta) é aceita como realidade confiável, comum a todos. Assim, o indivíduo teme exprimir suas opiniões individuais sentindo-se coagido por uma massa, que teve seu pensamento formado por estas verdades científicas.

Deste modo, pode-se dizer que a sociedade guiada pelo cientificismo tende a reprimir a subjetividade (individualidade) ao valorizar apenas a objetividade, extinguindo assim a personalidade singular. Esta sociedade, então, que colabora no processo de desindividualização das pessoas, fica susceptível à dominação tanto de um líder quanto de uma organização, alguém ou um grupo que tenham alcançado uma

segurança de julgamento a ponto de exprimir sua subjetividade, tornando-a uma convenção coletiva que será referencial da massa.

[...] é justamente a extinção da personalidade singular que a torna susceptível ao ataque de indivíduos sedentos de poder. A soma de um milhão de zeros não chega a gerar um. [...] Todavia, a miopia fatal de nosso momento presente apenas consegue pensar em termos de grandes números e de organizações de massa. [...] As pessoas continuam a se organizar alegremente, na crença de que a única coisa eficaz é a ação massificada, sem a mínima consciência de que quanto mais poderosas as organizações tanto mais corre riscos a moralidade. (Jung, 1988, p.25)

Para concluir, é necessário enfatizar que este estudo não tem a finalidade de colocar a ciência como única causa dos problemas da sociedade ocidental atual. Não se pode negar o valor de todo o conhecimento científico, como afirma Jung (1984) “A ciência é um instrumento do espírito ocidental e com ela se abre mais portas do que com as mãos vazias” (p.24). O problema consiste em torna-la não somente numa modalidade de compreensão ocidental, mas como único instrumento válido de conhecimento da realidade.

Assim substitui-se a unilateralidade da religião, por explicar todos os fenômenos com base na metafísica, pelo pensamento unilateral material do ocidente, acreditando que a racionalidade explicaria o mundo. Podendo-se dizer, então, que a base do pensamento ocidental, na visão cientificista, caracteriza-se por sua linearidade, temporalidade e unilateralidade.

## SIMBOLISMO NA RELIGIÃO E PENSAMENTO OCIDENTAL

[...] até que ponto os dramas do mundo moderno derivam de um desequilíbrio profundo da psique, tanto individual como coletivo, provocado em grande parte pela esterilização crescente da imaginação. (Eliade, 1991, p.16)

No tópico sobre o cientificismo, tivemos o objetivo de mostrar como este influenciou o pensamento e até a estruturação (em termos de massificação e existência de um líder) da sociedade ocidental. Retomando o segundo capítulo, quando se fala

em religiosidade, sendo esta característica inerente ao homem, até mesmo uma função psíquica, não se pode deixar de pensar como esta também foi influenciada pelo cientificismo.

Pode-se dizer que o resultado de tal influência é o que Jung (1988) chama de confissão, que seria a religião institucionalizada. Em outros termos, a religiosidade sofrendo a influência da massificação, se transforma em uma convenção coletiva, no sentido de tornar-se unicamente ritualista, excluindo sua parte subjetiva e individual e impedindo a vivência do numinoso, como se faz com qualquer outro tipo de conhecimento aos moldes científicos.

Assim, a Igreja oficial torna-se uma organização pública que é freqüentada não apenas pelos fiéis, como também por um grande número de pessoas que são indiferentes à religião fazendo do ato religioso um ritual mantido pelo hábito, e que reforça massivamente os valores morais, promovendo um estado de identificação coletiva.

Pertencer a uma confissão, portanto, nem sempre implica uma questão de religiosidade mas, sobretudo, uma questão social que nada pode acrescentar à estruturação do indivíduo. Esta depende da relação do indivíduo com uma instancia não mundana. (Jung, 1988, p.10)

Por não permitir a experiência do numinoso (instância não mundana), a vivência da religião como confissão não supre a necessidade natural do homem de deixar a energia psíquica transitar entre consciente e inconsciente, por meio do simbolismo, rumo ao equilíbrio. Assim, essa energia psíquica causando um estado de tensão, faz com que o homem busque de várias maneiras o alívio, como por exemplo, trazendo a religião oriental para o ocidente.

No entanto, de nada adianta buscar outros modos de aliviar a angústia causada pela tensão psíquica, se estes outros modos forem utilizados sob os moldes da confissão. É o que acontece com a leitura institucionalizada da Igreja católica sobre o caminho percorrido por Jesus, no qual o homem necessariamente deve seguir o mesmo caminho, consistindo em “passos” que devem ser seguidos para ser um bom cristão, perdendo de vista o significado pessoal (simbolização) que cada um retira da

vida de Cristo, como uma evolução espiritual pessoal (processo de individuação). Como afirma Jacobi (1952):

Visto dessa maneira, cada símbolo representa algo impróprio e, por isso, a Igreja, sobretudo a católica, sempre tratou de cuidar zelosamente para que nenhuma interpretação simbólica pudesse elidir o fato da realidade da transcendência: ao lado da realidade da fé, que pertence ao nível metafísico, há, no entanto, a realidade simbólica, que corresponde ao nível psicológico da vivência, e o que, para uma, é apenas um signo, para outra, é um símbolo. (p.79)

Quando falamos de simbolismo ou vivência do numinoso é importante ressaltar que se trata de manter o contato com as imagens primordiais (arquétipos), que necessitam ser trazidas à consciência, pois emanam grande fluxo de energia que, se reprimido gera tensão e desequilíbrio psíquico.

Assim, simbolizar não significa simplesmente adoração de imagens, e atribuição de significados específicos a elas, mas sentir e significar aquilo que a imagem gera “Sob um ponto de vista puramente psicológico, trata-se de instintos gerais de representação (imaginação) e de ação.” (Jung e Wilhelm, 1984, p.28). Desta maneira, simbolizar dependeria mais do instinto (afeto) do que da vontade consciente, visto que esta se refere a um juízo racional e moral.

## **CONCLUSÃO**

Referindo-se a questão inicial, em que medida a religião interfere no processo de individuação, podemos concluir que a experiência religiosa auxiliaria no processo de individuação uma vez que esta respeite a individualidade, fortalecendo a resistência do indivíduo à esmagadora força da moralidade “para concretizar essa resistência, o homem precisa da evidência transcendente de sua experiência interior, pois esta constitui a única possibilidade de se proteger da massificação” (Jung, 1988, p. 11).

Tendo em vista que muitas vezes a religião como instituição reforça os valores morais ao ponto de levar as pessoas a perderem a sua individualidade, ou a sua possibilidade/capacidade de simbolização, como afirma Edinger (1972) “O ensinamento ético de Jesus sempre constituiu um problema. Trata-se claramente de um conselho de perfeição. Se for tomado de modo literal e aplicado sistematicamente ao mundo

exterior, será incompatível com a existência material” (p. 190), é de extrema importância que seja dada uma mínima autonomia ao homem pelo menos no que diz respeito ao seu pensar sobre si, e tal tarefa, em parte, é da própria religião como instituição, como também é tarefa do próprio homem, no sentido de não deixar tomar valores instituídos como verdades absolutas.

Enfim, a experiência da individualidade engloba dois pólos aparentemente opostos, o particular e o universal. Quanto à particularidade, refere-se à própria capacidade inigualável, pessoal e intransferível, de cada indivíduo desta experiência (da individualidade) e, quanto à universalidade, refere-se à percepção de que esta própria individualidade pessoal é idêntica ao *indivíduo* arquetípico eterno, ou seja, que a *forma* da experiência é universal (Edinger, 1972, p.215). Assim, quando o destino de ser um indivíduo é tomado nas próprias mãos deste, ocorre o processo de individuação, fundindo o individual e o universal.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EDINGER, E. F. *Ego e Arquétipo: individuação e função psicológica da psique*. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix.1972.

ELIADE, M. *Imagens e Símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes. 1991. 1ª ed.

HARADA, H. Cristologia e Psicologia de C. G. Jung. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Vol. 31, fasc. 121, março de 1971.

JACOBI, J. *Complexo Arquétipo Símbolo*. São Paulo: Cultrix. 1952.

JUNG, C. G. *Fundamentos da Psicologia Analítica*. Trad. Araceli Elman. Petrópolis: Vozes. 2003. 11ª ed.

JUNG, C. G. *Interpretação Psicológica do Dogma da Trindade*. Trad. Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha O.S.B; revisão Dora Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes. 1983. 2ª ed.

JUNG, C. G. *O Homem e seus Símbolos*. Trad. Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2002. 23ª ed.

JUNG, C. G.; WILHELM,R. *O Segredo da Flor de Ouro: Um livro de vida chinês*. Trad. Dora Ferreira da Silva e Maria Luiza Appy. Petrópolis: Vozes. 1984. 2ª ed.

JUNG, C. G. *Psicologia e Religião*. Trad. Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha O.S.B; revisão Dora Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes. 1999. 6ª ed.

JUNG, C.G. *Psicologia e Religião Oriental*. Trad. Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha O.S.B; revisão Dora Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes. 1991. 5ª ed.

JUNG, C. G. *Presente e Futuro*. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes. 1988

PALMER, M. *Freud and Jung on Religion*. London and New York: Routledge. 1997.

SILVEIRA, M. *Jung: vida e obra*. São Paulo: Paz e Terra. 1992. 13ª ed.